

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR – SETOR LITORAL

MULHERES DO CAMPO: TRABALHO, FORÇA E RENDA

MATINHOS

2014

DALVA TERESINHA GASPAR DO NASCIMENTO

MULHERES DO CAMPO: TRABALHO, FORÇA E RENDA

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção da certificação do curso de Especialização em Educação do Campo. Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof. Fabiana Cristina Bonin

MATINHOS

2014

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	6
2.1 A LUTA DA MULHER NO CENÁRIO RURAL	7
2.2 TRAJETÓRIA DE LUTAS E CONQUISTAS	8
2.3 A MULHER E O TRABALHO.....	8
3 METODOLOGIA	9
4 ANÁLISE DE DADOS.....	10
5 CONCLUSÃO	12
REFERÊNCIAS.....	14

MULHERES DO CAMPO: TRABALHO, FORÇA E RENDA

Dalva Teresinha Gaspar do Nascimento¹

Fabiana Cristina Bonin²

Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

RESUMO: O trabalho de pesquisa em diversas fontes objetiva mostrar aos alunos a realidade do trabalho da mulher camponesa e sua luta pelo reconhecimento não apenas de ajudadora da figura masculina, mas também como autora participante no processo de valorização dos povos do campo em todos os aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos. Através do estudo, expor ao grupo o histórico de lutas onde a mulher do campo sai da invisibilidade enfrentando a discriminação da cultura conservadora, considerando que hoje a mulher acumula várias funções dentro e fora do lar e vem conquistando espaço cada vez mais crescente não apenas no mercado de trabalho, mas também pela participação na ações sociais que objetivam a busca e consolidação de vida digna, principalmente aos povos do campo que têm sido alijados, extirpados dos benefícios do desenvolvimento econômico do país extremamente voltado para valorização da cultura urbana. Enfatizando durante o seminário de apresentação do trabalho que lutar contra a hegemonia do capitalismo conservador demanda políticas de articulação bem planejadas e estruturadas, pois não é tarefa fácil lutar contra um sistema com raízes profundas e abrangentes de uma cultura advinda de um sistema historicamente dominante e excludente. Nesse cenário a mulher vem conquistando cada vez mais autonomia e espaço, cultivando o empreendedorismo, incentivando e promovendo a sustentabilidade dos recursos naturais pela preservação do meio ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher camponesa; Desenvolvimento Econômico; Povos do Campo.

1 INTRODUÇÃO

Numa sociedade capitalista onde o trabalho é condição de sobrevivência e crescimento profissional, é indiferente que a mulher seja alijada do desenvolvimento e crescimento econômico do país. Símbolo de luta e persistência, a mulher vem conquistando um espaço cada vez mais competitivo entre os homens visto que as

¹ Educanda do Curso de Especialização em Educação do Campo - EaD, Universidade Federal do Paraná - Polo UAB de Cruzeiro do Oeste - PR, dalvamarajao@yahoo.com.br

² Graduada em Ciências Biológicas; Esp. em Morfofisiologia do Organismo Humano, Esp. em Mídias Integradas a Educação, Esp. em Educação a Distância, Professora de Ciências da Rede Estadual de Ensino; Orientadora. fcbonin@gmail.com

demandas sociais exigem não apenas a força bruta, mas também o aperfeiçoamento profissional sistematizado com as novas tecnologias envolvendo métodos e técnicas inovadoras para atendimento de uma população cada vez mais consumista onde a mulher deixa de ser apenas esposa, mãe e dona de casa e passa acumular novas funções no mercado de trabalho formal e informal com profissões que antes eram de exclusividade do universo masculino.

Nos centros urbanos e no campo os esforços de grupos feministas vêm se destacando ao longo das últimas décadas através da mobilização e participação em grupos sociais pela igualdade de direitos e reconhecimento como responsáveis no desenvolvimento social, econômico e cultural conquistando cada vez mais autonomia e espaço, cultivando o empreendedorismo, incentivando e promovendo a sustentabilidade dos recursos naturais pela preservação do meio ambiente.

Dentro dos movimentos sociais pela posse de terras a mulher não se contentou em ser apenas a esposa passiva dependente do pai, irmão, companheiro, chefe. Desejosa por participar das lutas pelo ideário desses movimentos enfrenta a resistência e o preconceito que é consequência de uma carga de formação conservadora impregnada de valores machistas em termos de costumes e cultura mesmo dentro da própria organização. Aos poucos, timidamente começa a colaborar com as ações que vão se somando e ganhando amplitude dentro dos movimentos e expandindo-se para o contexto social. Segundo Fernandes (2000:38 apud JÚNIOR; VALENCIANO, 2002:26) a primeira manifestação de organização das mulheres, surgiu no 1º Congresso do MST no qual:

[...] as mulheres compuseram a organização e iniciaram os trabalhos para a formação da Comissão Nacional das Mulheres do MST. Em março de 1986, conquistaram o direito de receberem lotes na implantação dos assentamentos, sem a condição de serem dependentes de pais ou irmãos. Nesse período, nos Estados, as mulheres sem-terra organizaram encontros para reflexão e avaliação das formas de participação na luta.

Nessas condições, o processo de luta é constante, pois as questões de violência contra a mulher continuam presentes nos dias atuais, é notório que a discriminação ainda permeia o inconsciente de uma grande parcela de homens e mulheres, daí a necessidade de ampliar os objetivos nessas organizações pois a luta é pela construção de uma sociedade solidária na qual a justiça social contemple a todos vida digna, rompendo com a sociedade capitalista que reforça a desigualdade nas relações de classe em que persiste a sustentação e permanência da sociedade

do capital cuja ideologia é o poder do mais forte sobre o mais fraco em todos os aspectos.

Dada a relevância da participação da mulher em várias frentes de trabalho, em participações sindicais, inúmeras conquistas por direitos e cidadania no campo, por sua persistência na igualdade desses direitos, sensibilidade mais aguçada às questões sociais e pela criatividade empreendedora com que vem incentivando e promovendo a sustentabilidade dos recursos naturais pela preservação do meio ambiente é que se justifica a presente pesquisa.

O presente estudo tem por objetivo geral levar ao conhecimento dos alunos do ensino médio, professores e funcionários do Colégio Estadual do Campo Carbonera, localizado no distrito Carbonera, município de Maria Helena o histórico de lutas dos povos do campo, enfatizando o papel e a participação da mulher dentro e fora dos movimentos sociais dos povos do campo.

Apresenta como objetivos específicos: informar e conscientizar a equipe escolar sobre a importância do campo no desenvolvimento econômico do país; Resgatar o histórico de luta das mulheres camponesas pelo reconhecimento, participação e igualdade de direitos dentro e fora das organizações sociais e trabalhistas do campo; Destacar as conquistas femininas advindas das lutas no decorrer das últimas décadas; Refletir sobre o histórico de exclusão da mulher camponesa no processo de desenvolvimento social e econômico do meio rural.

Dessa forma, a luta é abrangente, pois a permanência das famílias no campo demanda infraestrutura que garanta qualidade de vida com assistência à saúde, saneamento básico, educação voltada às necessidades e especificidades do campo, transporte, programas de incentivo ao produtor rural, participação em cooperativas, políticas públicas de valorização aos bens produzidos no campo, dentre outros. Esse trabalho de pesquisa foi embasado na leitura de diferentes literaturas e em autores que tratam sobre o trabalho da mulher camponesa e sua luta por reconhecimento e igualdade num universo historicamente masculinizado, inicia-se com resumo sintetizado que destaca as partes mais relevantes sobre o tema desenvolvido; introdução que aborda a situação da mulher do campo ao longo das últimas décadas com objetivos gerais e específicos, justificativa e metodologia, desenvolvimento onde se aprofunda o tema, conclusão e referências.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A LUTA DA MULHER NO CENÁRIO RURAL

Ao longo das últimas décadas a mulher tem enfrentado a discriminação social, política e humana para mostrar sua força nos movimentos sociais pela posse de terra e também o reconhecimento da importância da sociedade camponesa no cenário social, político, cultural e econômico no desenvolvimento do país, nesse movimento ela não questiona apenas a posse e direito à terra mas também a melhoria da qualidade de vida das famílias que vivem no e do campo dentro de um sistema capitalista que alija e exclui as classes consideradas como inferiores ao longo da formação humana dividida em classes.

[...] quando luta pela terra também questiona os sistemas e as injustiças e nessa luta ela ocupa lugar de fala, de reivindicações, ver-se como sujeito público em busca de seus direitos, educação, emprego, assistência médica, entre outros (SILVA, 2011:3).

Nestas condições, a mulher tem uma tarefa muito mais árdua, pois além de lutar na defesa de um ideal, uma classe, ela enfrenta a desigualdade e a discriminação social que muitas vezes revela-se dentro do próprio seio familiar. No entanto, a mulher dentro dos movimentos sempre buscou o ideário de romper com o sistema escravista e opressor dos grandes latifúndios que fadavam o trabalhador a uma vida de miséria e pobreza. Segundo Silva (2011) a vida da mulher no processo de luta por reconhecimento no contexto social tem sido constante e com muita perseverança, principalmente no meio rural. No texto a autora relata a história de Elizabeth Teixeira, uma mulher guerreira, destemida e disposta a arriscar a própria vida e a de seus familiares por uma causa.

Elizabeth Teixeira, de Sapé/PB perdeu o marido que lutava e sonhava com a reforma agrária incentivando os trabalhadores camponeses a lutar por melhores condições de vida. Após a perda, Elizabeth continuou a luta na busca por uma sociedade mais justa, agora como líder, trabalhava em prol da Liga Camponesa, enfrentando todos os desafios dessa liderança, foi presa por diversas vezes, sofreu constantes ameaças, fugiu para o Rio Grande do Norte por causa da ditadura militar onde adotou o pseudônimo de Marta Maria da Costa, ficou separada de sua família, um de seus filhos ficou com sequelas mentais devido a um atentado que sofreu onde foi atingido por um tiro, sua filha mais velha suicidou-se por não suportar a perda do pai e pelo medo de que a mãe tivesse o mesmo fim trágico. Diante de tudo isso, continuou na luta deixando um legado de esperança no subconsciente de outras

mulheres que prosseguiram e continuam lutando por uma vida digna nesse universo excludente.

2.2 TRAJETÓRIA DE LUTAS E CONQUISTAS

A luta das mulheres pelo reconhecimento tem seu marco histórico na década de 1980, paralela a vários outros movimentos sociais, nacionais e internacionais. Segundo Bordalo (2004) é também nesse período e no bojo das transformações políticas que, no Brasil, os movimentos de mulheres ganham força e significativa expressão nos processos de luta no campo.

Nas décadas seguintes as lutas foram se intensificando e vários movimentos foram surgindo como complemento do Movimento das Mulheres do Campo (MMC)

Foram várias conquistas, grande parte delas já propiciadas pela Constituição de 1988 como: reconhecimento da profissão, aposentadoria aos 55 anos de idade, auxílio-acidente de trabalho, auxílio-doença, salário-maternidade, dentre outros.

2.3 A MULHER E O TRABALHO

A herança culturalmente estabelecida pelas famílias patriarcais reconhece a mulher apenas na condição de ajudadora invisível ao lado do pai ou do marido, uma herança enraizada que constantemente coloca a prova à capacidade feminina na busca pela igualdade de direitos e reconhecimento como cidadã num universo historicamente masculinizado. Segundo Melo (2002) essa ideologia da centralidade do pai ou do homem como o dono do saber na agricultura familiar nega a existência de famílias monoparentais femininas nesse modo de produzir.

Mesmo quando realiza atividades voltadas para o fim produtivo da agricultura, designadas geralmente como “masculinas”, a mulher é vista como uma “ajudante” e normalmente recebe baixa remuneração (ou mesmo nenhuma remuneração) por seu trabalho. As atividades agrícolas exercidas por elas são vistas como uma extensão intrínseca às suas atribuições de mãe e esposa (BRUMER, 2004:2).

No campo, o trabalho de ajudadora e não remunerado exercido pelas mãos femininas vem ganhando espaço cada vez mais crescente graças às lutas

persistentes de mulheres guerreiras que não se contentam com a invisibilidade imposta pela herança historicamente cultural. Sistemáticamente, as mulheres têm fortalecido o desenvolvimento da produção sustentável de alimentos preocupando-se com a biodiversidade, ampliando a capacidade de produção sem agredir o meio ambiente.

A participação em cooperativas, cursos de aperfeiçoamento, lideranças sindicais entre outros tem favorecido a ampliação de emprego e renda no campo geralmente pela iniciativa feminina através de técnicas modernas de cultivo de plantas, manejo do solo, criação de animais, fábricas para industrialização de alimentos, turismo rural, produção artesanal com produtos extraídos do próprio campo, enfim, a criatividade e o descobrimento das potencialidades individuais e coletivas são abrangentes em projetos de geração de renda o que tem viabilizado a permanência no campo.

3 METODOLOGIA

Ao longo dos anos, observa-se a presença marcante e decisiva das mulheres no mercado de trabalho competindo por cargos que antes eram de exclusividade masculina, tanto pela força bruta quanto pela discriminação pelo sexo frágil. Em relação ao trabalho na produção da agricultura familiar a mulher também está presente e atuando em pé de igualdade tanto para o sustento familiar quanto para o abastecimento de alimentos que chegam à mesa da população brasileira. A presença feminina encontra-se também na agropecuária, na agroindústria, no agronegócio e até exportação de alimentos e produtos produzidos no campo com autonomia, criatividade e capacidade de gestão.

Através do resultado da pesquisa realizado em diversas fontes, pretende-se apresentar, principalmente aos mais jovens, a trajetória de discriminação das mulheres nas frentes de trabalho, bem como sua luta para a superação da invisibilidade, trata-se de resgatar na historicidade das últimas décadas que esta invisibilidade resultante dos efeitos da divisão sexual do trabalho sobre a vida das mulheres ainda encontra-se presente mesmo de forma velada em algumas profissões e em discursos e comportamentos reprodutivistas da cultura de superioridade masculina do passado.

Pretende-se informar e discutir com o grupo de alunos que apesar das adversidades, as mulheres têm conseguido mostrar sua força por meio da ampliação da capacidade de mobilização pela busca da autonomia econômica, igualdade de direitos, desejo de subsistência pessoal e familiar que lhe garanta renda justa e necessária segundo suas metas e objetivos.

A apresentação do resultado da pesquisa possibilitará aos alunos do Ensino Médio noturno do Colégio Estadual do Campo Carbonera, conhecer, refletir e conscientizar-se que a luta pelo reconhecimento do universo feminino principalmente quando se observa o enraizamento da masculinização do campo é um grande desafio ao longo da história sendo que as políticas de desenvolvimento rural até bem pouco tempo não valorizavam o trabalho das mulheres caracterizando-o como mera ajuda aos homens além do cuidado com os filhos e com os afazeres do lar. Este resultado será organizado em slides e apresentado aos alunos em forma de seminários e/ou palestras para posteriores trabalhos científicos dentro do tema educação do e no campo. Será um período onde os alunos tomarão conhecimento não somente do tema pesquisado, mas também uma oportunidade de conhecer todos os passos para elaboração de um trabalho científico.

4 ANÁLISE DE DADOS

O resultado da pesquisa foi apresentado aos alunos do ensino médio noturno, direção, professores e funcionários presentes na data de 04/04/2014 às 19:50 horas. Reunidos em uma sala os presentes tiveram oportunidade de ampliar o conhecimento acerca do tema “Mulheres do Campo: trabalho, força e renda”.

O seminário iniciou-se com uma breve introdução sobre a transformação de escolas localizadas no entorno rural em escolas do campo como é o caso do Colégio Estadual do Campo Carbonera que é localizado em um pequeno distrito rodeado por chácaras, sítios e fazendas com um percentual de 75% de alunos que necessitam de transporte para chegar ao Colégio, lembrando que apenas uma professora e duas funcionárias de apoio residem na área central do distrito, os demais professores, um auxiliar administrativo, uma funcionária de apoio e uma pedagoga se deslocam 13 km diariamente da sede do município de Maria Helena para exercer suas atividades na instituição escolar. O secretário, residente no

campo, vem de outro distrito do município cerca de 7 km, três professoras vêm do município de Nova Olímpia localizado a 33 km da localidade e por fim eu, Dalva Teresinha Gaspar do Nascimento, pedagoga no período noturno, residente no município de Umuarama que também percorro 12 km diariamente para chegar até à instituição.

Após este primeiro momento que retrata a localização geográfica do Colégio e o deslocamento dos alunos e da equipe escolar, deu-se continuidade com uma fala utilizando-se de slides cujo tema abordado foi a situação dos povos do campo, seu modo de vida, trabalho, cultura, valores correlacionando-se a cultura campestre com o meio urbano com algumas considerações entre a dualidade campo/cidade e o papel da mulher do campo neste contexto.

Os temas propostos: A luta da mulher no cenário rural; Trajetória de lutas e conquistas; A mulher e o trabalho foram apresentados com abertura para considerações, contribuições, depoimentos de cunho reflexivo acerca do tema de forma ampla relacionando com a realidade da comunidade.

Observou-se conforme relato dos próprios alunos que quando se fala do campo, principalmente em relação ao trabalho, a primeira imagem que vem é a figura do homem como liderança, quando perguntado pelo papel da mulher, a maioria das respostas foi: “ela ajuda meu pai”, “ela também ajuda” o que nos permite perceber que a mulher ainda é vista como um sujeito secundário, ajudadora da figura masculina, ou seja, seu trabalho é considerado um complemento daquilo que o homem realiza como líder.

A maioria dos alunos relatou que nunca tinham pensado na mulher do campo da maneira como foi abordada no tema resultante da pesquisa, suas lutas em prol do bem estar da família e da comunidade campestre, sua participação e conquistas dentro e fora dos movimentos, sua ligação com o MST e o trabalho como valorização pessoal e profissional, como afirma Silva (2011) que a participação da mulher tem sido fundamental no meio social, embora tenha sido invisível por muito tempo e somente agora saindo da invisibilidade para fazer valer seus direitos e seu reconhecimento enquanto mulher dentro de um universo historicamente masculinizado conforme podemos constatar também pelas contribuições de Melo (2002) sobre o reflexo da cultura que secularmente elegeu o masculino como representação principal na agricultura familiar.

Segundo algumas alunas, residentes na área rural, ajudam no cultivo das

culturas onde seus pais trabalham, não recebem uma remuneração por isso, são sustentadas pelos pais que controlam o dinheiro resultante do trabalho desenvolvido pela família, e na maioria das vezes esse controle é exercido pelo pai, isso nos remete à Brumer (2004) quando afirma que a mulher é vista como “ajudante” e normalmente recebe baixa remuneração (ou mesmo nenhuma remuneração) por seu trabalho. A mãe aparece quase sempre como ajudadora, conselheira e em alguns casos específicos como advogada representante das necessidades dos filhos dentro do seio familiar.

Ainda, segundo relatos, algumas das alunas que residem no centro do distrito trabalham na roça como funcionárias das usinas de cana-de-açúcar e álcool da região, outras como boias-frias em trabalhos esporádicos na plantação de mandioca, estas últimas recebendo sessenta reais por dia, ao serem questionadas responderam que enfrentam a dureza do trabalho e do calor do sol para comprar roupas, calçados e acessórios pessoais.

Por sugestão do grupo, haverá até o final do ano mais dois seminários com temas solicitados pelos alunos “Surgimento e história dos Movimentos Sociais pela posse de Terra (MST) e sua relação com as escolas do campo” e “Dinâmica do Currículo Escolar dentro das Escolas do Campo e as Possibilidades de Trabalho e Renda no Próprio Campo”. Além dos seminários, os professores desenvolverão pesquisas científicas com os alunos sobre temas direcionados ao conhecimento e valorização da cultura campestre. O resultado destes trabalhos será apresentado à comunidade escolar no final do período letivo.

A partir das reflexões e discussões, percebeu-se que os alunos que sempre almejam profissões urbanas passam a refletir sobre o trabalho no campo como uma possibilidade de sucesso profissional promissor, desde que haja incentivo de políticas públicas voltadas à produção e implementação dos produtos produzidos no campo ao lado, é claro, da criatividade, perseverança, persistência e uso consciente dos recursos naturais. Foi um momento que veio impulsionar o trabalho pedagógico entre os sujeitos da escola dentro da proposta de valorização da cultura campestre através da figura feminina.

5 CONCLUSÃO

Observa-se por meio da pesquisa que ao longo das últimas décadas a mulher vem conseguindo crescente espaço através de constantes lutas, enfrentando desafios e conflitos advindos de uma cultura excludente imposta pelo sistema capitalista conservador que aliena e exclui dos benefícios do desenvolvimento econômico do país as classes econômica e culturalmente menos favorecidas, incluindo-se aí a mulher camponesa. A trajetória de luta pelo reconhecimento configura a situação de desigualdade vivida pelas mulheres no meio rural onde a ideia de subordinação ao homem sempre foi muito intensa.

O histórico de discriminação, exclusão e injustiça social não impediu nem intimidou o desejo pela conquista de uma vida digna para as famílias camponesas que sempre estiveram às margens do desenvolvimento socioeconômico pela falta de políticas públicas direcionadas às necessidades da classe camponesa. Segundo pesquisas, as mulheres sempre trabalharam, no entanto o reconhecimento em se tratando do espaço profissional ainda é um grande desafio a ser superado, principalmente no campo onde sua participação é vista como ajuda, um complemento do trabalho masculino não considerado como atividade econômica.

Enfatiza-se que a luta da mulher camponesa não é apenas por um trabalho assalariado, vai muito além, ao lado da valorização profissional, diante da possibilidade de ocupar cargos antes ditos masculinos, está à busca pelo reconhecimento pessoal para si e sua família, considerando sua comunidade e a participação feminina na construção de uma sociedade mais justa, onde o conceito de igualdade seja universal considerando os direitos de todo cidadão, independente de sua classe econômica.

Constata-se, através das pesquisas que as mulheres do campo conseguiram apoio com ganhos significativos na área da saúde, segurança, educação, geração de renda, acesso à terra com crédito rural, dentre outros, devido a seu espírito empreendedor, persistência, atenção, resistência, criatividade e sensibilidade, dessa forma, deixa de ser coadjuvante e passa a ter seu papel na história da formação humana e no desenvolvimento sócio-cultural e econômico do país.

Observa-se que na aplicação prática com a equipe escolar, o resultado da pesquisa veio complementar o trabalho dos professores com os alunos dentro das salas de aulas, pois foi um momento de aprofundamento sobre um tema tão relevante dentro do contexto social e que pouco ou quase nunca é referenciado na prática escolar das instituições de ensino. Constata-se que este momento de

reflexão veio ampliar o conhecimento das lutas e conquistas das mulheres do campo ao longo das últimas décadas. Percebe-se ainda que muitos alunos, funcionários e até alguns professores desconheciam essa trajetória que é tão significativa por se tratar da figura feminina dentro de um contexto historicamente marcado pela discriminação, descaso e exclusão com que são tratados os povos que vivem no e do campo.

REFERÊNCIAS

BORDALO, Caroline Araújo. **Sindicatos rurais e movimentos sociais**: duas tradições na luta pela representação política das trabalhadoras rurais. Disponível em: www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/.../carolinearaujobordalo.pdf. Acesso em: 18/03/2014.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Revistas de Estudos Feministas*. Florianópolis, 2004. In: MARIN, Carolyn – **Uma análise do trabalho da mulher rural através da perspectiva da multifuncionalidade agrícola**. Disponível em: www.fazendogenero.ufsc.br/, acesso em 29/03/2014.

JÚNIOR, Antonio Thomaz; VALENCIANO, Renata Cristiane. **O papel da mulher na luta pela terra. Uma questão de gênero e/ou classe?** Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, vol. VI, nº 119 (26), 2002. [ISSN: 1138-9788] <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-26.htm>.

MELO, Lígia de Albuquerque. **Injustiça de Gênero: o trabalho da mulher na agricultura familiar**. In: Resumos Expandidos do XII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Ouro Preto, 2002.

SILVA, Gracilene Barros da: **A Luta da Mulher Brasileira em Busca de Reconhecimento e Valorização Humana** - III Seminário Nacional: Gêneros e Práticas Culturais, p. 3-5, 2011. Disponível em: www.itaporanga.net/genero/3/04/02.pdf, acesso em: 22/03/2014.